

CONHECIMENTO PRÉVIO DOS DISCENTES DO COLÉGIO ESTADUAL DEPUTADO ÁLVARO GAUDÊNCIO DE QUEIROZ SOBRE PLANTAS MEDICINAIS

Salomão Felipe da SILVA¹

Ktia Santos RIBEIRO ¹

Elizangela da Silva Merêncio Guerra²

Rossemberg Cardoso BARBOSA³

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais constituem um grupo de vegetais que apresentam algum princípio ativo o qual pode ser administrado com fins terapêuticos. São utilizados por comunidades tradicionais como remédios caseiros e representa a matéria prima necessária à produção de medicamentos e fitoterápicos (FIRMO *et al.*, 2011). Seu uso é influenciado pelo valor econômico e alto custo dos medicamentos industrializados, além das dificuldades de acesso as consultas e tratamentos oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Outro fator que potencializa o uso das plantas medicinais é o fato do Brasil possuir uma diversidade biológica e cultural com grandes saberes sobre uso e manejo desses produtos (BATISTI *et al.*, 2013).

O conhecimento sobre como manipular as plantas medicinais está presente na sociedade desde o início das civilizações em que o homem utilizava esse recurso para curar as doenças que acometiam a população da época (ARAUJO *et al.*, 2014). De acordo com Coan e Matias (2013), os registros sobre a utilização de vegetais como medicamento são antigos e os chineses já cultivavam ervas com fins medicinais em 3.000 a.C. Nesse sentido as plantas medicinais representam as mais antigas armas utilizadas pelo homem contra as enfermidades de todos os tipos (FIRMO *et al.*, 2011).

Abordar esse tema nas escolas é de suma importância para preservar os conhecimentos sobre as plantas medicinais que podem ser perdidos no decorrer do tempo. Por serem importantes para a sociedade devido a vasta diversidade e múltiplos uso ressaltam a relevância de sua abordagem, conhecimentos e discussões no âmbito escolar (ULBRICH *et al.*, 2014).

Considerando a influência do conhecimento empírico sobre a medicina popular que se arrasta desde os primórdios da civilização e a importância da valorização dos saberes tradicionais a respeito dos fitofármacos, este trabalho objetivou realizar um levantamento sobre o conhecimento prévio dos Discentes do Colégio Estadual Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz sobre plantas medicinais.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é de natureza transversal, descritiva, exploratória com abordagem quali-quantitativa, foi realizada no período de agosto a setembro de 2018 com 37 alunos da Escola Estadual Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz localizada no Município de Campina Grande PB.

Foi aplicado um questionário aos alunos do 2º ano C e E do Ensino Médio, antes e após as aulas teóricas sobre plantas medicinais, destacando o conceito, sua utilização desde os primórdios da civilização, os principais vegetais que apresentam princípio farmacológico e efeitos indesejados.

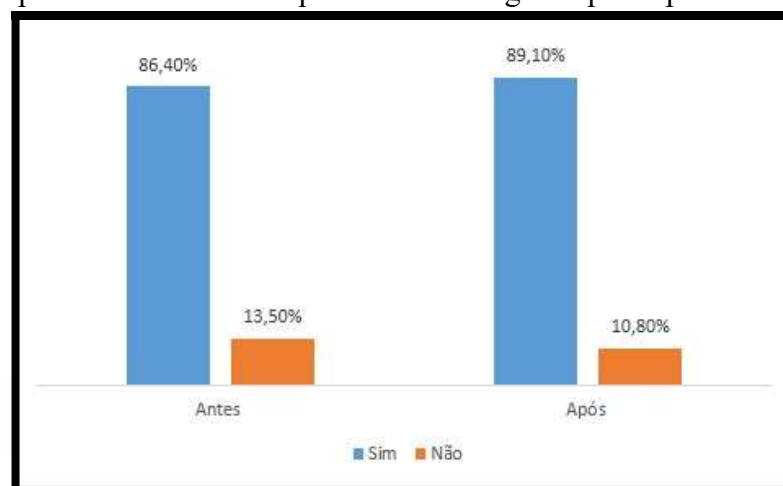
A explanação do conteúdo ocorreu mediante a leitura compartilhada de um texto sobre o tema abordado com pausas entre os pontos e parágrafos para discussão e melhores esclarecimentos.

Escolheu-se trabalhar com essa série devido os conteúdos de botânica estarem inseridos na grade curricular do 2º ano do Ensino Médio. Após a aplicação do questionário, os dados foram compilados e dispostos em gráficos permitindo o entendimento dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação do questionário foi possível constatar que a maioria dos discentes é do sexo masculino com faixa etária de 17 anos de idade e todos tem conhecimento do termo planta medicinal. Na Figura 1 observa-se que a maioria (86,4%) dos alunos afirmou conhecer algum tipo de planta medicinal.

Figura 1: percentual de alunos que conhecem algum tipo de planta medicinal.



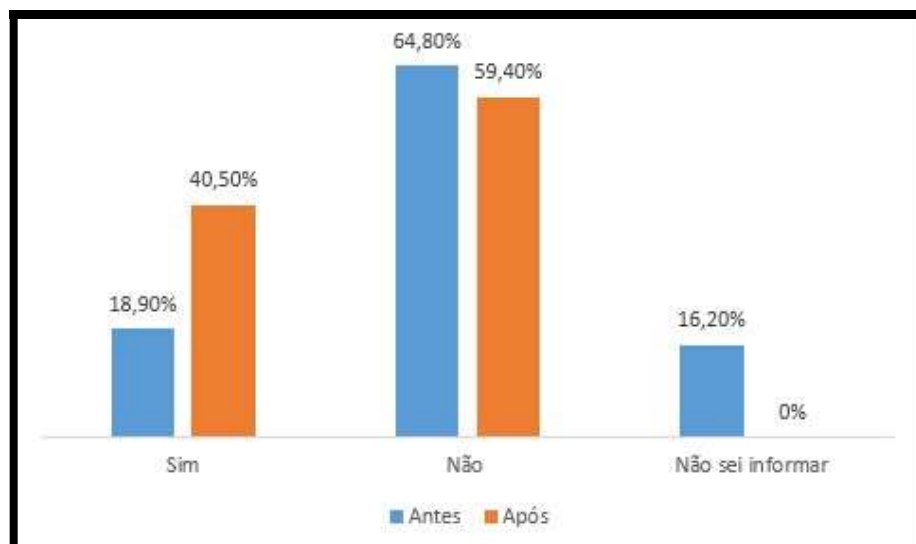
Fonte: Própria.

Resultados semelhantes ao desta pesquisa corroboram com os encontrados por Araújo e colaboradores (2014) que em seus estudos observaram que 88% da população de países em processo de desenvolvimento como Brasil, fazem uso de produtos derivados plantas medicinais fazendo com que os mesmos tenham conhecimento do assunto. Para Firmo e colaboradores (2011) planta medicinal é aquela que quando administrada ao ser humano ou qualquer outro animal por meio de qualquer via, exerça ação terapêutica. Freitas e colaboradores (2012) explicam que o uso desses produtos é resultado da cultura indígena miscigenada dos povos europeus e africanos, e está intrínseca na cultura do povo brasileiro. Afirmam ainda que em muitas comunidades quilombolas, as plantas medicinais representam o único recurso terapêutico.

O uso desses produtos está presente entre os países subdesenvolvidos não só como recurso medicinal, mas também como aspecto cultural (JUNIOR *et al.*, 2012).

Quando questionados se nas suas residências havia alguma planta medicinal a maioria dos alunos afirmou que não. O interessante foi observar que 16,2 % dos discentes não souberam informar justamente por também não saber o que seria uma planta medicinal. Resultado este que foi alterado quando foi avaliado após a aula sobre plantas medicinais como pode ser observado na Figura 2.

Figura 2: Respostas dos alunos ao serem questionados se em suas residências há alguma planta medicinal.



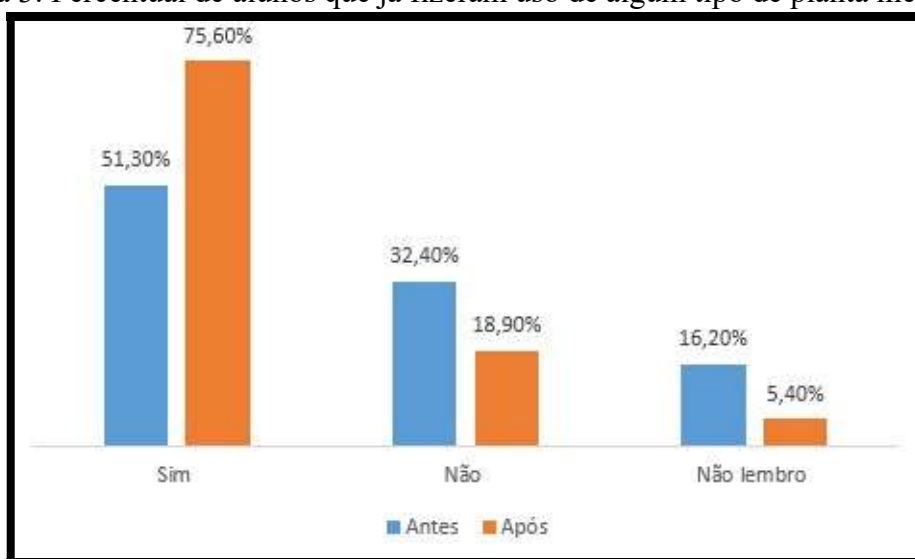
Fonte: Própria.

Pinto e colaboradores (2015) explicam que a utilização, assim como os conhecimentos sobre as plantas medicinais estão sendo perdidos por vários motivos, e, um deles é o fato da migração das comunidades para os centros urbanos onde dispõe de serviços de saúde pública

mais próximo. Como consequência desse modo de vida os conhecimentos sobre as plantas medicinais podem ser perdidos no decorrer dos anos.

Mesmo pelo fato dos participantes da pesquisa residir na zona urbana, onde o espaço para cultivo, possivelmente ser menor quando comparado às áreas da zona rural, o percentual de alunos que afirmou fazer uso de alguma planta medicinal está acima de 50 % e passando para 75,6 % (Figura 3) após a aula sobre o assunto. Este fato pode potencializar a disseminação de usos e informações sobre as mesmas de modo que não venha se extinguir, uma vez que, mesmo no meio natural algumas espécies vegetais estão sendo perdidas, devido vasta ocupação humana (CARVALHO *et al.*, 2015).

Figura 3: Percentual de alunos que já fizeram uso de algum tipo de planta medicinal.



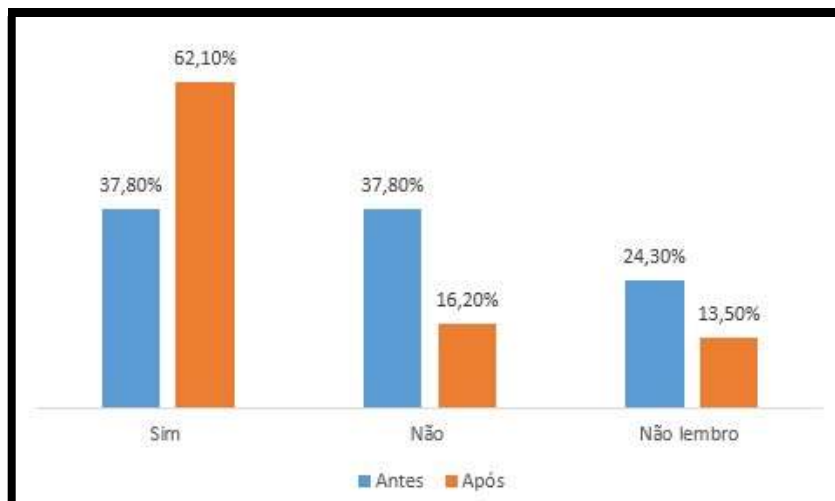
Fonte: Própria.

Wanderley e colaboradores (2015) explicam que o uso de plantas medicinais é registrado desde a antiguidade e até então muitas pessoas utilizam esses produtos para tratar as doenças. Afirmam, também, que o uso de produtos derivados de plantas medicinais faz parte da evolução humana e está intrínseca na cultura do povo presente em todas as classes sociais.

Pereira e colaboradores (2015) relatam que tratamentos na espécie humana utilizando produtos derivados de plantas medicinais apresentam resultados positivos, mas, alerta que os usuários devem estar atentos a sua finalidade, aos riscos e benefícios, e sejam capazes de tomar atitudes caso haja efeito indesejado.

Através da Figura 4, é possível observar que após a aula sobre plantas medicinais, quase duplicou o percentual de discentes que afirmaram ter conhecimento sobre produtos à base de plantas medicinais.

Figura 4: Percentual de alunos que afirmaram ter conhecimento sobre produtos à base de plantas medicinais.

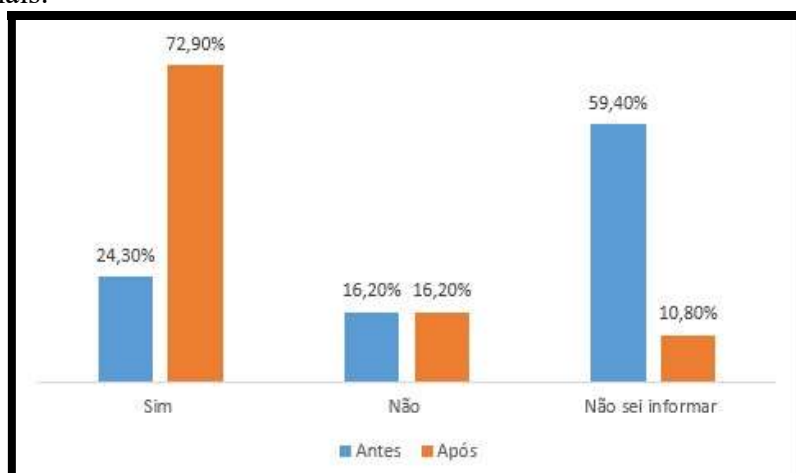


Fonte: Própria.

Segundo França e colaboradores (2017) o uso de produtos extraídos dos vegetais como fonte alternativa para cura de doenças data de muitos anos e era realizado principalmente em tribos onde as mulheres eram as responsáveis por fazer os preparos, onde surgiu a pessoa do curandeiro.

Na Figura 5 pode observar as respostas dos discentes quando questionados se o uso de plantas medicinais pode causar efeitos colaterais.

Figura 5: Conhecimento prévio dos discentes quanto aos efeitos colaterais causados pelas plantas medicinais.



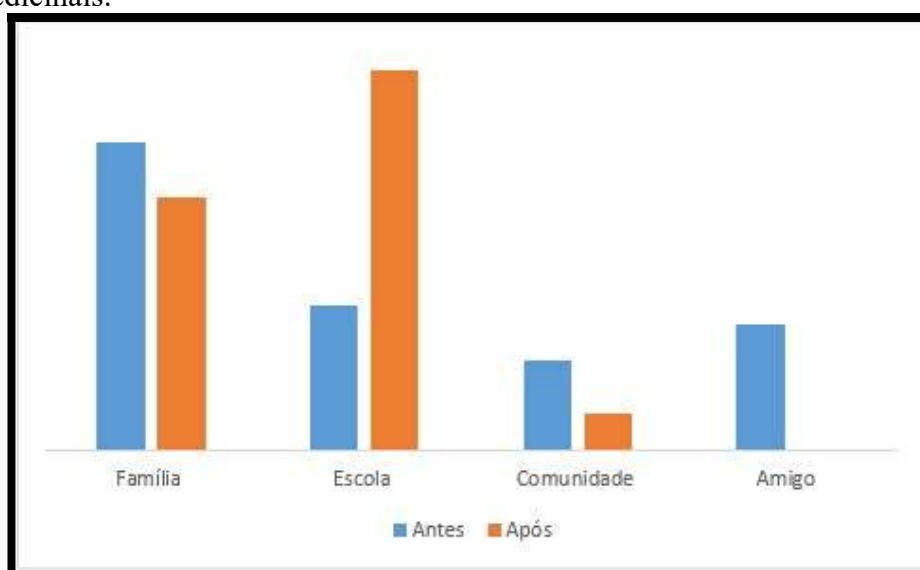
Fonte: Própria.

Percebe-se que antes das aulas teóricas um pequeno percentual acreditava que as plantas medicinais não apresentam efeitos colaterais, já a maioria não soube informar. Após a explanação do tema os resultados foram invertidos e constatou-se que a maioria (72,9%) tomou conhecimento que esses produtos podem causar efeitos colaterais.

Por serem produtos naturais e utilizados desde a origem das sociedades, há ainda quem acredite que seu uso não causará efeitos indesejados (Junior *et al.*, 2012). O uso racional de medicamentos é uma realidade ainda muito distante, e, a automedicação não está no âmbito dos medicamentos industrializados, mas também quando se trata de medicamentos naturais tendo como base a ideia de que é natural e não causará efeitos colaterais (Pereira *et al.*, 2015).

Ao observar a Figura 6 é possível perceber que antes das aulas teóricas, grande parte dos discentes afirmaram que seus conhecimentos sobre plantas medicinais adivinham da família e uma pequena porcentagem alegaram vir da escola, 45,9% e 21,6% respectivamente.

Figura 6: Informações dos discentes sobre de onde veio o conhecimento dos mesmos sobre as plantas medicinais.

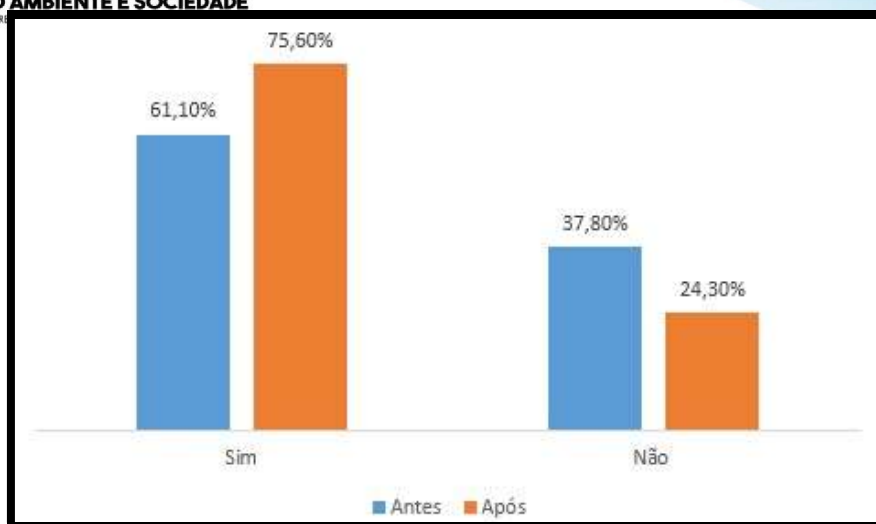


Fonte: Própria.

Após a exposição do tema os percentuais foram invertidos, 37,8% e 56,7% respectivamente. Esses dados configuram a importância da abordagem do tema no sentido de aportar informações e aprimorar o conhecimento prévio dos mesmos sobre a temática trabalhada. Costa e Marinho (2016) destacam que as populações tradicionais carregam consigo grande carga de conhecimentos sobre as plantas medicinais e também a forma como são utilizadas e que essas informações devem ser passadas aos descendentes, mas, a interferências de muitos fatores estão inviabilizando a dispersão dessas informações tais como: maior acesso aos postos de saúde e medicina especializada, questões religiões, educação formal, etc.

Os resultados observados na Figura 7 destacam que a maioria dos discentes tem interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre as plantas medicinais.

Figura 7: Resposta dos discentes sobre o interesse dos mesmos em conhecer mais sobre as plantas medicinais.

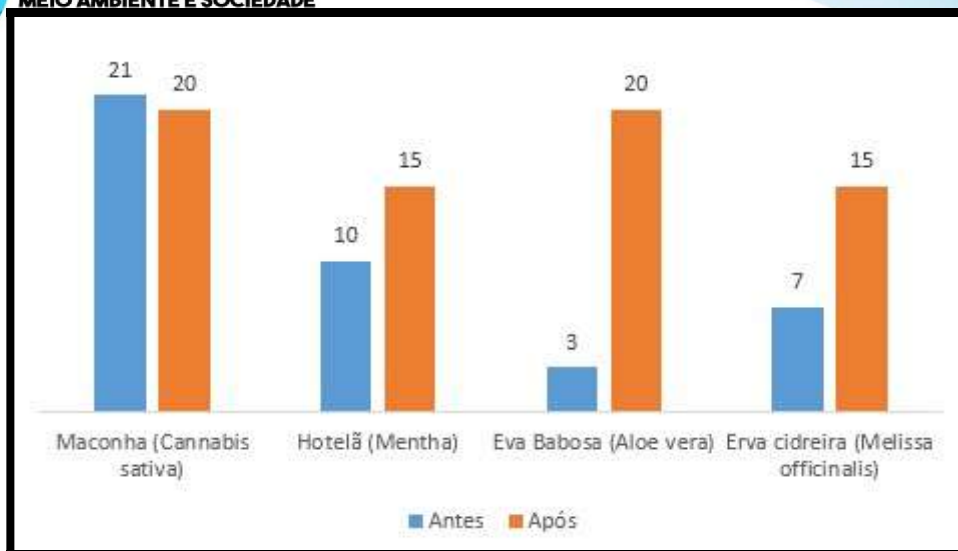


Fonte: Própria.

Esses resultados potencializam as afirmações de Lopes e colaboradores (2012) onde os autores reconhecem que o Brasil apresenta considerável patrimônio genético vegetal, e, mesmo com essa diversidade de espécies encontradas em florestas, matas e quintais, o conhecimento sobre as plantas medicinais ainda é pouco. Para eles o conhecimento popular pode trazer muitas contribuições para a ciência uma vez que, é através do conhecimento popular que as pesquisas científicas tomam embasamento e se fortificam comprovando ou não a eficácia de determinadas substâncias e quantificando as dosagens adequadas para que se tenha o aproveitamento correto de cada produto.

Na Figura 8 estão retratadas as plantas medicinais que os discentes citaram que conhecem ou já ouviram falar. Esses valores não estão dispostos em percentuais, e os números correspondem à quantidade de vezes que essas plantas foram citadas. É possível constatar que a *Cannabis sativa* conhecida popularmente como maconha foi citada com maior frequência tanto antes como após as aulas teóricas. Outra planta que se destacou após a exposição das aulas foi a *Aloe vera* conhecida popularmente como erva babosa.

Figura 8: Plantas medicinais que os discentes afirmaram reconhecer.



Fonte: Própria.

A maconha é considerada pela maioria dos jovens como uma planta medicinal, uma vez que a mesma possui propriedades alucinógenas o que causa mudanças de humor. Essa informação pode-se aplicar ao universo da pesquisa em que os jovens apresentam faixa etária de 17 anos e se configura como adolescência (Gonçalves *et al.*, 2014).

A *Aloe vera*, conhecida no Brasil como babosa, é usada medicinalmente. É uma planta de origem africana e recebeu esse nome por apresentar folhas carnosas contendo uma substância pegajosa (RAMOS e PIMENTEL, 2011). Costa e Marinho (2016) afirmaram que esta é uma planta típica da região da Caatinga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que maioria dos discentes adquiriu conhecimento sobre as plantas medicinais através da família e após as aulas teóricas o nível de conhecimento aumentou, mostrando a importância do papel da escola. A *Cannabis sativa*, a *Aloe vera* e a *Mentha* foram as espécies mais conhecidas pelos discentes. Munidos de conhecimento sobre o assunto, a maioria dos alunos afirmou que já fez uso de algum tipo de planta medicinal e que já usou produtos oriundos das mesmas, apresentando interesse em obter mais conhecimento sobre a temática em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C.R.F.; SILVA, A.B.; TAVARES, E.C.; COSTA, E.P.; MARIZ, S.R.; Perfil e prevalência de uso de plantas medicinais em unidade básica de saúde da família em Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Revista de Ciência Farmacêutica Básica e Aplicada**. V.2; N.35; 2014.

BATTISTI, C.; GARLET, T.M.B.; ESSI, L.; HARBROCH, R.K.; ANDRADE, A.; BADKE, M.R. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeiras das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**. V.11, n.3, p.338-348. 2013.

CARVALHO, J.S.B.; MARTINS, J.D.L.; MENDONÇA, M.C.S.; LIMA, L.D.; Uso popular das plantas medicinais na comunidade de Várzea, Garanhuns, PE. **Revista de Biologia e Ciência da Terra**. V.13, n.2, 2013.

COAN, C.N.; MATIAS, T.A.; Utilização das plantas medicinais pela comunidade de indígenas de Ventura Alta- RS. **Revista de Educação do Ideau**. V.8, n.18, 2013.

COSTA, J.C.; MARINHO, M.G.V.; Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidade do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Campinas**. V.18, n.1, p.125-134, 2016.

FIRMO, W.C.A.; MENEZES, V.J.M.; PASSOS, C.E.C.; DIAS, C.N.; ALVES, L.P.L.; DIAS, I.C.L.; NETO, M.S.; OLEA, R.S.G. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Revista Caderno de Pesquisa, São Luís**. V.18, n. especial. 2011.

FRANÇA, J.S.X.; SOUZA, J.A.; BAPTISTA, R.S, BRITTO, V.R.S. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem**. V.61, n.2, p.201-208, 2008.

FREITAS, A.V.L.; COELHO, M.F.B.; AZEVEDO, R.A.B.; MAIA, S.S.S. Os raizeiros e a comercialização de plantas medicinais em São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**. V.10, n.2, p.147-156, 2012.

GONCALVES, G.A.M.; SCHLICHTING, C.L.R. feitos e malefícios da *Cannabis sativa*. **Revista UNINGA Review**. V.20, n.2, p.92-97, 2014.

JUNIOR, R.G.O.; LOVAN, E.M.; OLIVEIRA, M.R.; SOUZA, E.V.; SILVA, M.A.; SILVA, M.T.N.M.; NUNES, L.M.N. plantas medicinais utilizadas por um grupo de idosos no município de Petrolina, Pernambuco. **Revista Eletrônica de Farmácia**. V.IX, n.3, p.16-28. 2012.

LOPES, J.S.; SILVA, J.E.R.; MACHADO, J.A.; SILVA, C.E.M.R.; MARINHO, M.G.V.; RANGEL, J.A.F. Levantamento de plantas medicinais utilizadas na cidade de Itapetim, Pernambuco, **Brasil. Revista de Biologia e Farmácia**. V.17, n.1, 2012.

PEREIRA, S.M.; ALMEIDA, T.W.F.; DIAS, A.S.F.; PINHEIRO, C.T.; SOUZA, V.R.; SILVA, G.R.C.; CUNHA, C.R.M. Levantamento do potencial medicinal das plantas produzidas e dispensadas na pastoral da saúde de Itapuruna/ GO. **Revista Faculdade Montes Belos (FMB)**. V.8, n.1, p.1-26. 2015.

PINTO, E.P.P.; AMAROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais da Mata Atlântica- Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Basílica**. V.20, n.4, p.751-762, 2006.

RAMOS, A.P.; PIMENTEL, L.C. Ação da babosa no reparo tecidual e cicatrização. **Brasilians Journal of Health**. V.2, n.1, p.40-48, 2011.

ULBRICH, R.J.; SAMPAIO, D.M.; ULBRICH, R.; BRITTO, N.S.; SOBZAK, E. Plantas medicinais na escola- um incentivo ao diálogo entre PIBID diversidade, ciências da natureza e saberes populares. **V Encontro Nacional de Biologia- Universidade de São Paulo**. 2014.

WANDERLEY, L.S.M.; SILVA, L.V.L.A.; CEZAR, L.M.; DIAS, F.B.C.; GALDINO, P.K.S.; ARAUJO, J.M. Uso de plantas medicinais por indivíduos da comunidade do Valentina. **Revista Ciência Saúde Nova esperança**. V.13, n.2, p.99-105, 2015.